

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA: UM OLHAR COMPLEXO-DISCURSIVO NA CONTEMPORANEIDADE

English language teaching education: a complex-discursive view in the contemporaneity

Lucas Rodrigues LOPES (Universidade Federal do Pará, Cametá, Brasil)

Jeferson Cipriano de ARAÚJO (Faculdade de Tecnologia de Osasco Prefeito Hirant Sanazar, Osasco, Brasil)

RESUMO: *Este artigo tem como objetivo discutir como cursos de formação de professores de língua inglesa, na modernidade, pode lidar com as tecnologias de informação e comunicação, uma vez que têm (re)organizado e alterado padrões na rotina das pessoas. Com isso em mente, considerou-se o paradigma adotado por cursos de licenciatura em Letras – Inglês, a fim de propor uma reflexão crítica sobre que práticas de ensino de língua inglesa têm sido priorizadas e legitimadas nos cursos de formação de professores de língua inglesa, propiciando, dessa forma, um olhar complexo-discursivo, considerando a noção de linguagem e práticas discursivas decorrentes da tecnologia com base nos estudos de Lankshear e Knobel (2011) e Bakhtin (1999). Neste trabalho, a Teoria da Complexidade, conforme Morin (1998) serviu-nos de lente ou forma de olhar e perceber, possibilitando interpretar as diversas ações sobre o mundo e sobre a vida, ambos diante da maior adversidade do mundo contemporâneo: a fragmentação dos saberes humanos, científicos e tecnológicos.*

PALAVRAS-CHAVE: Complexidade; Formação de Professores; Língua Inglesa; Letras

ABSTRACT: *This article aims at discussing how English language teaching undergraduate courses in modern times can deal with information and communication technologies, as they have (re) organized and changed patterns in people's routine. With this in mind, it was considered the paradigm adopted by undergraduate courses, more specifically, English Education, in order to propose a critical reflection on what English language teaching practices have been prioritized and legitimized in English language teaching undergraduate courses. Thus providing a complex-discursive view, considering the notion of language and discursive practices arising from technology based on the studies by Lankshear and Knobel (2011) and Bakhtin (1999). In this work, Complexity Theory, as Morin (1998) proposes, served us as a lens or way of looking and perceiving, enabling us to interpret the various actions about the world and life, both facing the greatest adversity of the contemporary world: the fragmentation of human, scientific and technological knowledge.*

KEYWORDS: Complexity; Teacher education; English language; English education

1. Introdução

Em face às profundas mudanças vivenciadas em sala de aula, sendo nós, muitas vezes, incapazes de assimilar tal transição significativa e ligeira, a formação de professores de língua inglesa, na atualidade, pode se tornar um desafio diante de uma crise no paradigma educacional dos cursos de licenciatura nas universidades brasileiras.

Dessa maneira, ao longo da história, temos visto que o modo de se construir conhecimento perpassa ao modo como o homem concebe as mudanças com base nas tecnologias digitais atualmente. Nesse respeito, podemos inferir desses tempos modernos que as tecnologias de informação e comunicação têm (re)organizado e alterado padrões na rotina e na vida pessoal de muitos.

Com isso em mente, considerando o paradigma adotado por cursos de licenciatura, mais especificamente, o de Letras – Inglês, tomando como base a experiência nos ensinos fundamental e médio, superior e superior tecnológico, temos sido forçados a refletir de modo crítico sobre que práticas de ensino de língua inglesa têm sido priorizadas e legitimadas nos cursos de formação de professores de língua inglesa, propiciando, dessa forma, um olhar complexo-discursivo, uma vez que a posição sujeito professor de língua inglesa tem sido deslocada diante das alterações de instituições anteriormente cristalizadas, a saber, a família, a comunidade, o governo, a educação, e as relações com os outros.

Nessa direção, as práticas de ensino de línguas e o mundo da aprendizagem são atravessados e (trans)formados pelas tecnologias digitais. Isso pode ser pensado a partir da diversidade de sites de redes sociais aos quais filiam e são filiados os usuários, fazendo imprimir alterações drásticas ao modo como são vistos a educação e sua participação social. Sendo assim, pensar a partir da noção de captura como um processo integrador e mediador das transformações digitais de atividades cotidianas é pensar o ensino de línguas como extensão, que perturba pessoas, lugares e domínios da vida. Considerando o aspecto perturbador oriundos da noção de linguagem e práticas comunicativas decorrentes da tecnologia, Lankshear e Knobel (2011) alertam que, resultando do processo de globalização pela qual passamos, a essência das instituições tem sofrido novas configurações, que, de acordo com Kress (2003) refletem incisivamente nas relações de poder presentes em sala de aula, na cisão da hierarquia professor-aluno e na assunção de diferentes papéis sociais.

2. A Teoria da Complexidade e a formação de professores de língua inglesa

O papel desempenhado pela linguagem na contemporaneidade é basilar, uma vez que funde as práticas comunicacionais atualmente, tendo sido de extrema importância à construção de sentidos. As muitas rupturas pelas quais passamos são registradas por meio da linguagem. Sendo assim, a noção de linguagem adotada por nós

aqui, neste artigo, é aquela, cujas investigações perpassam seu uso com base nas mudanças feitas ao passo que diferentes atores sociais entram em ação.

Dessa maneira, buscaremos exprimir um cenário em que a Teoria da Complexidade no contexto de formação de professores de língua inglesa tenha como objetivo à contribuição para reflexões teóricas acerca do tema aqui empreendido.

Com isso, entendemos o ser humano como inacabado e sendo construído ao longo de sua vida, corroborando matizes biológicos e culturais. Encaramos, dessa perspectiva, a Teoria da Complexidade como uma lente ou uma forma de olhar e perceber e, portanto, interpretar as diversas ações sobre o mundo e sobre a vida, ambos diante da maior adversidade do mundo contemporâneo: a fragmentação dos saberes humanos, científicos e tecnológicos. Desse modo, o que apresentamos aqui é uma proposta para pensar os cursos de licenciatura, mais especificamente, Letras – Inglês, ligando às questões discutidas por Edgar Morin, visando à ruptura do pensamento simplificador e fragmentador, fundantes da educação clássica. Como educação clássica, concebemos aquela em que se dá o preenchimento de lacunas, regras gramaticais sem a mínima reflexão da língua, isolamento de conteúdo nas disciplinas, a memorização como possibilidade didática, além de achar que a reprodução de conhecimento em sala de aula não merece profunda reflexão sobre problemas constituintes como, por exemplo, a desigualdade social, a pobreza, a ética e a moral.

Respaldados pelos estudos de Morin, conforme Almeida e Carvalho (2002), conseguimos entender que o desafio enfrentado por nós, hoje, ao pensarmos a formação de professores de língua inglesa reside na organização do currículo em disciplinas, em fragmentos ou intervalar. Nossa proposta, aqui, ainda que inicial, lança-se à epistemologia contemporânea com o objetivo de pensar de modo significativo pela busca da (re)ligação dos saberes. Nessa direção, Petraglia (2001), com base em estudos de Edgar Morin, discute que

O currículo escolar é mínimo e fragmentado. Na maioria das vezes, peca tanto quantitativa como qualitativamente. Não oferece, através de suas disciplinas a visão do todo, do curso e do conhecimento uno, nem favorece a comunicação e o diálogo entre os saberes; dito de outra forma, as disciplinas com seus programas e conteúdos não se integram ou complementam, dificultando a perspectiva de conjunto e globalização, que favorece a aprendizagem. (PETRAGLIA, 2001, p. 69)

Da mesma maneira, pode-se perceber que a formação de professores de língua inglesa ainda tem denotado brechas, que, diversas vezes, impedem uma reflexão acerca da religação dos saberes adquiridos ao longo dos semestres cursados, impossibilitando pensar a relação que as disciplinas podem exercer dentro de uma sequência didática inerente ao processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa. Com tal característica,

reiteramos que é primordial à Teoria da Complexidade de que o todo contempla as partes, do mesmo modo que as partes precisam do todo para que ambas se concretizem. Já nos adiantamos em dizer que não estamos de maneira alguma pondo o ensino estruturado em disciplinas em descrédito. Todavia, não acreditamos que essa seja a única forma de desenvolvimento e construção do conhecimento no ambiente universitário. Torna-se, então, necessário que busquemos formas para ligar, interligar e concatenar as diferentes áreas de conhecimento. Morin (1998) discute isso, quando aborda

O problema da complexidade não é o de estar completo, mas sim do incompleto do conhecimento. Num sentido, o pensamento complexo tenta ter em linha de conta aquilo de que se desembaraçam, excluindo os tipos de mutiladores de pensamento a que chamo de simplificadores e, portanto, ela luta não contra o incompleto, mas sim contra a mutilação. (MORIN, 1998, p. 138)

Disso podemos inferir que a nossa existência perpassa a esfera física, biológica, social, cultural, psíquica e espiritual, sendo axiomático à Teoria da Complexidade, uma vez que busca a religação e contempla a articulação diante daquilo que é identidade e diferença entre todas essas esferas citadas. Sendo assim, considerando a construção de conhecimento com base no pensamento simplificador, temos a separação desses aspectos.

Isto posto, o nosso desafio é propor um olhar multidimensional às disciplinas que formam o currículo, respeitando as facetas socioculturais emergentes dos diversos fenômenos sociais que compõem o espaço de sala de aula, ponderando, de modo síncrono, sobre matizes econômicos, culturais e psicológicos de uma perspectiva multidimensional, alertando para noções da incompletude e incerteza, que também são basilares aos estudos da Teoria da Complexidade.

Nessa vertente, pensar a articulação dos saberes em um curso de língua inglesa é, indubitavelmente, buscar pela compreensão do todo, já que consideraremos as diversas formas do ser futuro professor de inglês, que ocupará diversos espaços escolares – atuação que, inúmeras vezes, aponta para incertezas e incompletudes na formação desse profissional de línguas. Bazzo (2014) defende o ensino sob o viés da Teoria da Complexidade, pois respeitam-se as diversas dimensões do ser professor, efetivando-se, dessa maneira, a compreensão das partes e do todo, propondo uma reflexão a respeito do futuro professor em vários âmbitos, entre a subjetividade e objetividade, entre o sentido material e o sentido humano.

3. Caminhando entre discursos e práticas – Um olhar crítico (im)possível

Pensar o modo como concebemos a linguagem é importante, uma vez que ele está inteiramente ligado à nossa forma de ensinar. Assim, concebemos o ensino de língua inglesa por meio de práticas discursivas, que filiam e fazem filiar o sujeito de

uma modernidade tardia a práticas de escrita e de leitura, na atualidade, atravessadas por inúmeros aparatos tecnológicos. Compreendemos a língua como um meio de comunicação, levando em conta também os contextos políticos de produção e uso, fator a ser ensinado também em cursos de Letras Inglês, além de discorrer a respeito das relações de poder imbuídas ao ambiente de comunicação.

Entretanto, destaca-se que pode emergir ecos destoantes de possíveis conflitos de concepções de língua, diversas vezes preponderantes no campo de ensino de língua inglesa na atualidade. Ainda, vemos um olhar estruturalista, que delinea a língua como um sistema abstrato de formas em que traz à baila o foco na forma e nas regras linguísticas em detrimento daquela visão, que privilegia a interação verbal. Sobre isso, Bakhtin (1999) é bastante contundente ao destacar que

A língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (BAKHTIN, 1999, p. 123)

Dessa perspectiva, pensamos a atuação do professor de língua inglesa e o percurso de sua formação por estabelecer diálogo com as Orientações Curriculares para Educação Básica (OCEB) e Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), já que, de um prisma crítico, vemos nossas crenças, valores, práticas pedagógicas e modos de conceber a linguagem enviesados por esses documentos.

Desse modo, recorrendo aos estudos bakhtinianos, percebe-se que a formação de professores de língua inglesa é atravessada, polifonicamente, pelas orientações curriculares, planos docentes a serem elaborados pelos futuros professores na disciplina de estágio supervisionado e múltiplas leituras. Destaca-se, nesse processo formativo, a pluralidade de vozes, decorrente da relação emergente, que esboça nossa identidade, engendrando, de alguma forma, as tomadas de decisões dos professores em serviço.

Nessa direção, é importante desenvolver um olhar crítico para nossas próprias experiências como professores de língua inglesa, visto que nossas identidades estão o tempo todo sendo moldadas com base nas escolhas teóricas e no modo como essas refletem nossa atuação. Bakhtin (1999) defende que as palavras expressam uma faceta de nossas narrativas de vida, exteriorizando nossas experiências. Ainda, com o teórico russo, conseguimos compreender que a noção de ideologia está atrelada ao nosso discurso, isto é, trazendo à prática docente, o nosso discurso expressa o tipo de professor que somos. Sendo assim, expandindo essa noção discursiva, pode-se afirmar que aquilo que dizemos constitui-se de uma relação dialética com o pensamento. Dessa forma, as palavras (co)operam sob o sujeito e o outro, e isso é primordial na constituição do eu.

Nesse momento, pensando a respeito da constituição identitária de professores em cursos de licenciatura, entendemos que o modo como organizamos discursivamente nosso arcabouço teórico revela, por meio de (nossas) palavras, nossas ações pedagógicas, pois o eu professor emerge dos muitos embates teóricos ou não, das inúmeras leituras e dos (con)textos com que agimos mutuamente. Evidencia-se, assim, a natureza dialógica da linguagem, fazendo com que nossos discursos apresentem uma condição heterogênea, quer dizer, abarca outros discursos na sua integração.

Ainda, enfatizamos as contribuições de Hall (2005), às quais recorreremos por discutir que a identidade não se origina da fixidez, da coesão e da unidade. Contrariamente, assume-se uma identidade diferente para cada momento, já que “dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas”.

Por fim, é importante frisar que a escolha pela concepção dialógica do discurso se deu, pois, conforme os estudos bakhtinianos (BAKHTIN, 1999), entendemos a língua a ser ensinada como um organismo vivo, heterogênea, que sofre rupturas, apresentando sua dinamicidade, sendo constituída histórica e socialmente, noção basilar que é emergente na/da interação de indivíduos.

Também, aos estudos bakhtinianos, é de destaque a noção de que a palavra é fenômeno ideológico por natureza em razão de efetivar a função de signo, de outra maneira, retrata e representa a realidade. Diante dessa noção, podemos compreender que o mundo se constrói através dos signos. Além disso, é urgente que percebamos que essa construção se dá por meio da heterogeneidade e multiplicidade de discursos, oportunizando diversas representações e interpretações do mundo.

4. Da (dis)junção entre Teoria da Complexidade e Análise Dialógica do Discurso

Povoa a memória social de que professor é aquele que deve dominar todo o conteúdo de uma disciplina a ser ministrada, tendo a habilidade de transmitir tal conteúdo aos alunos. Há ainda discursos que enredam os futuros professores de língua inglesa por dizer que é papel deles ensinar a língua de uma perspectiva comunicativa, atentando-se para os contextos imediatos de uso, atrelando a esse ensino estruturas linguístico-discursivas para esboçar e receber ideias.

De uma outra perspectiva, vislumbramos o ensino de língua inglesa e a formação de professores como o lugar que valoriza a noção de ideologia e faz daquele que assume o papel de professor de línguas como responsável por conhecer e ensinar o funcionamento da língua, em outras palavras, ensina-se, sim, os artifícios das estruturas linguísticas, mas também se desvela que artimanhas há por detrás das formas linguísticas ensinadas. Comentando essa particularidade, Menezes de Souza (2011)

discorre que o professor de línguas deve ser capaz de perceber a multiplicidade de sentidos emergente no e do seu ensino, vinculando essa condição aos sentidos possíveis, que podem vir à tona na construção discursiva de uma gama de possibilidades dentro e fora do ambiente escolar. O referido autor ressalta que o espaço de sala de aula é a esfera da percepção, é quando alunos-professores se percebem, dando vazão à multiplicidade presente na construção de sentido, “tornando-se capazes de ler se lendo, de observar-se enquanto construtores e atribuidores de sentido às coisas” (MENEZES DE SOUZA, 2011, p. 296).

5. Considerações finais e futuras discussões

A formação de professores de línguas, nos dias atuais, precisa estabelecer um percurso que visa à reflexão crítica sobre a inserção das tecnologias de comunicação e informação, considerando os desdobramentos decorrentes dessa inserção, para professores em cursos de licenciatura, uma vez que, ao deixarem as salas de aulas, vão lidar com o ensino-aprendizagem em contextos diversos, talvez, muitas vezes, em regiões em que os alunos nem sempre possuem equipamentos tão avançados ou redes móveis tão rápidas, que permitam a integração e o desenvolvimento de todas as habilidades no ensino-aprendizagem de uma língua e cultura.

Diante disso, o ensino-aprendizagem de língua inglesa, na atualidade, atravessa em primeira instância a religação de saberes provenientes tanto do todo-partes de um conjunto de informações, que seguem regularidades discursivas inerentes a um contexto de comunicação específico. Num segundo plano, estimulamos os alunos do curso de Letras Inglês ao desenvolvimento de repertórios linguísticos, que cumpram com cada situação comunicacional.

Sendo assim, recorrendo aos operadores da Teoria da Complexidade, a saber a) a recursividade b) o dialógico e c) hologramático, sendo assim, no ensino de língua inglesa e na formação de professores, a construção de conhecimento se dá por meio de retomadas de conteúdos e por disciplinas que devem se tocar, tratando de assuntos de uma forma espiral, nada está pronto, estamos sempre em recursividade, buscando a ilusória completude, uma vez que jamais alcançaremos o todo. Também, estamos sempre em diálogo, diversas vezes, esse diálogo é de opostos, que se complementam, é um olhar disjuntivo, que, algumas vezes, distancia e aproxima. Por fim, por meio do operador hologramático, vemos as partes-todo, o modo como cada aluno e professor deve ser visto em sua essência e particularidade, já que cada um carrega a sua própria história e interpretação das coisas do mundo. Desse modo, percebemos a produção de conhecimento se assemelhando à figura de uma engrenagem, precisando estabelecer um exercício de imbricamento de diferentes partes para que a produção aconteça. Portanto, a construção do espaço de sala de aula de língua inglesa pode se dar por um olhar múltiplo, complexo, que é tecido junto – ora com enunciações construídas pela

interação professor-aluno ora pela interação do aluno com o texto e com outras instâncias também presentes ali – a direção, a coordenação e colegas.

É preciso que, para discussões futuras, pensemos sobre a aprendizagem de língua inglesa como um lugar em que os sentidos representam instabilidade, imprevisibilidade e deslizantes. Afinal, a vivência em um mundo globalizado tem trazido à sala de aula de línguas e aos cursos de formação de professores a noção de ensino híbrido, promovendo potencialidades das práticas sociais e tornando a participação ativa de nossos alunos, sempre nos lembrando de que a construção de sentido é atravessada por matizes históricos, políticos, ideológicos e culturais.

Referências

- ALMEIDA, C.; CARVALHO, E. A. (2002) *Edgar Morin. Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios*. Trad. Edgar de Assis Carvalho. São Paulo: Cortez.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. (1999) São Paulo: Hucitec.
- BAZZO, W. A. (2014) *Ciência, Tecnologia e Sociedade: e o contexto da educação tecnológica*. 4ª ed. Florianópolis: Editora da UFSC.
- HALL, S. A. (2005) *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.
- KRESS, G. (2003) *Literacy in the New Media*. Londres: Routledge.
- LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. (2011). *New literacies: everyday practices and social learning*. Berkshire: McGraw Hill & Open University Press.
- MENEZES DE SOUZA, L. M. T. (2011) O professor de inglês e os Letramentos no século XXI: métodos ou ética? In: JORDÃO, C. et al (Orgs.). *Formação “Desformatada” Prática com Professores de Língua Inglesa*. Campinas: Pontes.
- MORIN, E. (1998) *Ciência com Consciência*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand.
- PETRAGLIA, I. C. (2001) *A Educação e a Complexidade do Ser e do Saber*. 5ª ed. Petrópolis: Vozes.